

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora

© 2016, Direitos reservados para Marcador Editora  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Copyright © Yanis Varoufakis 2016  
Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem  
permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *And the Weak Suffer What They Must?: Europe's Crisis and America's Economic Future*

Título: *Os fracos são os que sofrem mais? – A crise da Europa e a estabilidade global ameaçada*

Autor: Yanis Varoufakis

Tradução: Sarah Adamopoulos

Revisão: Paula Caetano

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Marina Costa/Marcador Editora

Fotografia do autor: Photo acTVism Munich

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-263-3

Depósito legal: 414 116/16

1.ª edição: setembro de 2016

Os mais fracos fazem o que devem.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> «Os mais fortes fazem o que podem, enquanto os mais fracos fazem o que devem.» Tucídides, «Monólogo ateniense totalitário: o diálogo dos Mélios e o genocídio», *História da Guerra do Peloponeso*, na tradução de Raul M. Rosado Fernandes e M. Gabriela P. Granwehr para as edições da Fundação Calouste Gulbenkian (a partir do original grego publicado pela Oxford University Press). Existe uma «versão portuguesa» do axioma atribuída a António de Oliveira Salazar: «Manda quem pode, obedece quem deve.» (NT)



*Para a minha mãe, Eleni, que teria criticado veementemente, mas também com a maior elegância e compaixão, qualquer pessoa que aceitasse a ideia de que os mais fracos têm a obrigação de se submeter ao que devem.*



## ÍNDICE

PREFÁCIO – A manta vermelha .....	13
1 Os fracos são os que sofrem mais? .....	29
2 Uma proposta indecente .....	67
3 Peregrinos inquietos .....	115
4 Cavalo de Tróia .....	151
5 História do que fugiu .....	189
6 Os alquimistas da reversão .....	221
7 Regresso ao futuro .....	293
8 A crise da Europa e o futuro dos Estados Unidos .....	345
EPÍLOGO – Para além da ortodoxia das regras .....	357
AGRADECIMENTOS .....	365
APÊNDICE – Uma modesta proposta .....	367
BIBLIOGRAFIA .....	379



## PREFÁCIO

### A MANTA VERMELHA

Uma das mais persistentes memórias que guardo da minha infância é o som roufenho de um transístor que estava na sala de casa dos meus pais, escondido debaixo de uma manta de cor vermelha. Todas as noites, cerca das nove, se recordo bem, os meus pais precipitavam-se juntos para debaixo dela, com os ouvidos à coca, num enorme entusiasmo por antecipação. Enquanto ouvia o som abafado do *jingle* do genérico, seguido da voz do apresentador alemão, a minha imaginação de rapazinho de seis anos viajava desde a nossa casa em Atenas até à Europa Central, um lugar mítico que eu nunca visitara, exceto através das visões que me eram proporcionadas por um livro ilustrado dos Irmãos Grimm, que eu tinha no meu quarto.

O estranho ritual da manta vermelha a que a minha família passou a dedicar-se começou em 1967, o ano inaugural da ditadura militar grega. Na nossa casa, a Deutsche Welle, a estação de rádio internacional alemã que os meus pais ouviam, tornou-se o nosso mais valioso aliado contra o poder esmagador da propaganda do Estado: uma janela aberta para a distante Europa democrática. No final de cada uma dessas longas emissões sobre a Grécia, os meus pais e eu sentávamo-nos à volta da mesa de jantar, enquanto eles esmiuçavam

as últimas notícias. O facto de eu não perceber tudo o que era dito nessas conversas não me enfadava nem incomodava. Pois sentia-me arrebatado pela estranheza daquela situação: a de termos de viajar pelas ondas hertzianas – cobertos por uma manta vermelha – até a um lugar chamado Alemanha, para sabermos o que estava a passar-se na nossa própria Atenas.

A razão de ser da manta vermelha era um nosso vizinho velhote e rezingão chamado Gregoris. Gregoris era conhecido pelas suas ligações à polícia secreta e pela sua tendência natural para espiar os meus pais, em particular o meu pai, cujo conhecido passado de esquerda fazia dele um ótimo alvo para um informador tão ambicioso quanto amador. Depois de o golpe de Estado de 21 de abril de 1967 ter feito ascender os coronéis neofascistas ao poder, sintonizar as emissões da Deutsche Welle tornou-se uma das várias atividades de uma longa lista de ações puníveis com penas que podiam ir da simples perseguição à tortura. Tendo reparado que Gregoris andava a vigiar o nosso quintal, os meus pais não se dispunham a correr quaisquer riscos. Foi assim que a manta vermelha se transformou no nosso escudo contra os ouvidos indiscretos de Gregoris.

Durante o verão, os meus pais aproveitavam as férias anuais para escapar à Grécia dos coronéis durante um mês inteiro. Enchíamos até ao tejadilho o nosso *Morris* preto e seguíamos em direção à Áustria e ao sul da Alemanha onde, tal como o meu pai não se cansava de dizer ao longo da interminável viagem de carro, «os democratas podem respirar». Willy Brandt, o chanceler alemão, e, um pouco mais tarde, Bruno Kreisky, o seu homólogo austríaco, eram tema de conversa como se fossem amigos da família, sendo, para além do mais, campeões na arte de isolar os «nossos» coronéis, enquanto, em simultâneo, apoiavam os democratas gregos.

A atitude relativamente a nós observada nos autóctones que íamos encontrando enquanto fazíamos férias nessas terras de língua alemã, totalmente distante da estética *keitsch* neofascista do discurso de propaganda dos coronéis, confirmava a nossa convicção: a de que nós, os gregos no estrangeiro, éramos objeto da mais genuína solidariedade. E quando o nosso *Morris* preto regressava tristemente à Grécia, atravessando postos fronteiriços repletos de fotografias do

nosso ditador louco<sup>2</sup> e símbolos do seu insano reinado, a manta vermelha constituía o nosso único refúgio possível.

## Um aperto de mão recusado

Quase cinquenta anos depois, em fevereiro de 2015, fiz a minha primeira visita oficial a Berlim enquanto ministro das Finanças da Grécia. A economia grega havia colapsado debaixo de uma montanha de dívida, e a Alemanha era o seu principal credor. Fora lá para conversar sobre o que fazer com ela. O meu primeiro compromisso tinha lugar, claro, no Ministério Federal das Finanças, onde reuniria com o seu titular no cargo, o lendário Dr. Wolfgang Schäuble. Eu era um estorvo para ele e para os seus lacaios. O nosso governo de esquerda acabara de ser eleito, derrotando os aliados do Dr. Schäuble e da chanceler Angela Merkel na Grécia, o Partido da Nova Democracia. A nossa plataforma eleitoral era, para dizer o mínimo, um transtorno para a governação democrata-cristã da Alemanha e os seus planos para manter a zona euro na ordem.

A porta do elevador dava para um longo corredor frio, no fim do qual esperava por mim o magnânimo homem sentado na sua famosa cadeira de rodas. Quando me aproximei e lhe estendi a mão, recusou-se a cumprimentar-me. Em vez de um aperto de mão, apressou-se acintosamente a levar-me para dentro do seu gabinete.

Apesar de a minha relação com o Dr. Schäuble se ter tornado mais amistosa nos meses que se seguiram, aquela recusa em apertar-me a mão simbolizava muito do que estava mal na Europa. Era uma prova simbólica de que, ao longo do meio século que separava os meus serões debaixo da manta vermelha e aquele primeiro encontro em Berlim, a Europa havia mudado profundamente. Como poderia o meu anfitrião imaginar sequer que eu chegara à sua cidade com a

---

<sup>2</sup> Referindo-se a Georgios Papadopoulos (1919-1999), coronel de Infantaria e antigo colaborador do regime nazi que liderou o golpe de Estado militar que teve lugar na Grécia em abril de 1967 – tendo sido apenas derrubado no final de 1973. Sugere-se consulta *online* do artigo de obituário publicado aquando do seu desaparecimento no jornal semanário *The Economist*: <https://web.archive.org/web/20120221125732/http://www.economist.com/node/219259>. (NT)

cabeça cheia de memórias de infância, nas quais a Alemanha se destacava por ter sido a minha manta de segurança?

Em 1974, os Gregos, com o apoio moral e político da Alemanha, Áustria, Suécia, Bélgica, Holanda e França, haviam conseguido derubar o totalitarismo. Seis anos mais tarde, a Grécia entrava na união das nações europeias democráticas, para deleite dos meus pais que, finalmente, puderam dobrar a manta vermelha e arrumá-la no armário. Menos de uma década depois, a Guerra Fria terminava e a Alemanha reunificava-se, na esperança de doravante integrar-se, de muitos e consequentes modos, numa Europa unida. Um dos objetivos centrais dessa integração da nova Alemanha unida numa nova Europa unida era um ambicioso programa de união monetária, que haveria de pôr a circular o mesmo dinheiro, as mesmas notas e até as mesmas moedas (tendo todas elas uma das faces idêntica em toda a parte, independentemente de onde fossem cunhadas) nos bolsos de todos os cidadãos europeus. «Façam-nos usar o mesmo dinheiro», disse-me certa vez um taxista ateniense no início dos anos 1990, «e antes que deem por isso, uns Estados Unidos da Europa surgirão em todo o seu esplendor.»

Chegados a 2001, os dois países que nos tempos então já remotos da minha infância me haviam acompanhado debaixo da manta vermelha lá de casa – a Grécia e a Alemanha – partilhavam a mesma moeda, juntamente com mais de uma dúzia de outras nações. Tratava-se de um projeto audaz, que continha em si mesmo uma ambição a que nenhum europeu da minha geração podia resistir.

## Um farol de esperança para a humanidade

Em bom rigor, esse processo de integração europeia havia começado muito antes de eu ter sequer nascido, nos finais dos anos 1940, sob a tutela dos Estados Unidos. Tendo sido antecedido pelo chamado *Discurso da Esperança*<sup>3</sup>, proferido pelo secretário de Estado

<sup>3</sup> No original, *Speech Of Hope* – o discurso proferido pelo secretário de Estado norte-americano James F. Byrnes a 6 de setembro de 1946 em Estugarda, na Alemanha, na sequência da decisão dos Norte-Americanos e dos Ingleses de criar uma nova zona económica. «Nesse discurso, Byrnes deu conta da mudança de política decidida pelos Estados

norte-americano James F. Byrnes em Estugarda, em 1946, no qual prometeu ao povo alemão, pela primeira vez desde a sua derrota, «a oportunidade, assim lhe deitassem a mão sem hesitações, de aplicar as suas fantásticas energias e capacidade em prol da paz... a oportunidade de se mostrarem merecedores de respeito e da amizade de nações pacíficas e, a seu tempo, de ocupar um honroso lugar entre os membros das Nações Unidas».

Pouco tempo depois, os Gregos e os Alemães, juntamente com outros europeus, começaram a reunir-se e a debater a possibilidade de se unirem em torno do que mais tarde se transformaria na União Europeia. Unir-nos-íamos malgrado as diferentes línguas, culturas diversas, temperamentos distintos e, no decurso desse processo de união, descobriríamos, para nossa grande alegria, que havia menos diferenças entre as nossas nações do que aquelas observadas no interior de cada uma delas. E quando uma nação enfrentasse um momento difícil, como sucedeu com a Grécia em 1967, com a tomada do poder pelos militares, as demais nações unir-se-iam para apoiá-la. A Europa levou meio século a curar as suas feridas de guerra através da solidariedade e a transformar-se num farol de esperança para a humanidade, mas conseguiu.

Unificar nações que até então estavam em guerra, com base em mandatos populares fundados na promessa de uma prosperidade partilhada, na construção de raiz de instituições comuns, no derrube de fronteiras ridículas que anteriormente haviam desfigurado o continente – eis uma aspiração elevada, e também um sonho encantado. Afortunadamente, por alturas do final do século XX era já uma realidade emergente. A União Europeia podia até mesmo transformar-se num modelo, a que o resto do mundo poderia ir buscar coragem e inspiração para erradicar divisões e estabelecer uma coexistência pacífica entre todos no planeta.

---

Unidos e o seu anúncio teve um profundo efeito na sociedade alemã – por ter criticado o facto de, ao contrário do que havia sido estipulado pelos acordos alcançados em Potsdam, a Alemanha não estar a ser tratada como uma única entidade económica. Os Norte-Americanos não iam retirar-se da Alemanha, mas Byrnes apresentou aos Alemães a que constituiria a primeira perspectiva de formarem o seu próprio governo numa base democrática, elaborando uma Constituição democrática, e sendo-lhes devolvida a autoridade para gerirem os seus assuntos domésticos.» Fonte: <http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/>. (NT)

De repente, afigurava-se imaginável, de um ponto de vista realista, que nações diversas entre si pudessem, ao contrário do que havia sucedido com os ciclos imperiais autoritários, criar um território comum. Que podíamos forjar laços baseados não já no parentesco, na língua, na origem étnica ou no inimigo comum, mas assentes em valores comuns e princípios humanistas. Uma comunidade de Estados tornava-se desse modo viável, ou seja, um território comum em que a razão, a democracia, o respeito pelos direitos humanos e uma cobertura social decente tornariam possível um palco para que a vida de cidadãos multinacionais, multilíngues e multiculturais pudesse realizar nele os merecidos sonhos e talentos desses homens e mulheres.

## **Quando posso reaver o meu dinheiro?**

Depois aconteceu a implosão de Wall Street, em 2008, e o desastre financeiro global que se lhe seguiu. Nada voltaria a ser igual.

Quando o universo da finança do Ocidente ultrapassou os limites do planeta Terra, os bancos em implosão e o subsequente crédito malparado tiveram efeitos devastadores nas nações europeias, em particular nas que dependem do euro. O britânico Northern Rock foi o primeiro banco europeu a ressentir-se, a Grécia, o primeiro Estado. O abraço de morte entre bancos insolventes e Estados falidos propagou-se através de toda a Europa. No entanto, havia uma enorme diferença entre a Grã-Bretanha e países como a Grécia: enquanto Gordon Brown podia contar com o Banco de Inglaterra para gerar a liquidez necessária para salvar a City de Londres, os governos da zona euro estavam dependentes de um banco central cujo regulamento não permitia a mesma coisa. Muito pelo contrário, a responsabilidade de salvar os ineptos banqueiros recaiu nos cidadãos mais fracos.

Por volta dos finais de 2009, a bancarrota do Estado grego ameaçava já os bancos franceses e alemães com a perspectiva de um destino idêntico ao do Lehman Brothers. Entretanto, a liquidação dos bancos irlandeses arrastou consigo o Estado irlandês, fazendo aumentar as desgraças dos bancos franceses e alemães. Políticos tomados pelo

pânico apressaram-se a lançar pesados programas de resgate financeiro financiados pelos contribuintes mais pobres, enquanto grandes empresas como a Google ou o Facebook e os oligarcas gregos gozavam de imunidade fiscal. Por incrível que pareça, os empréstimos de resgate financeiro foram concedidos sob a condição de aplicação de programas de austeridade sobre os rendimentos dos cidadãos, o que veio a revelar-se desastroso para os contribuintes mais desfavorecidos, dos quais todo o edifício dependia. Uma vez que nada se dissemina melhor que o pânico totalmente justificado, Portugal, Espanha, Itália e Chipre foram as peças de dominó que seguidamente tombaram. Na ausência de uma resposta credível à inevitável crise do euro, os governos da Europa começaram a acusar-se mutuamente, apontando dedos em todas as direções e defendendo o empobrecimento dos mais fracos, numa atitude jamais observada na Europa desde os anos 1930. Por volta de 2010, a solidariedade europeia havia já sido minada a partir do seu interior, doravante exibindo, quando muito, uma pálida imagem do que havia sido uma camaradagem sólida.

O que causou a crise da zona euro? Os *media* e a classe política adoram explicações simples, e, a partir de 2010, a história que correu mundo, sobretudo nos territórios da Alemanha e no Nordeste protestante da Europa, foi, mais coisa menos coisa, a que seguidamente se reproduz.

As cigarras gregas não tinham feito os trabalhos de casa e, por causa disso, um dia os seus verões a crédito haviam acabado abruptamente. As formigas calvinistas foram então chamadas a resgatar as cigarras gregas, bem como várias outras cigarras espalhadas pela Europa. Como se não bastasse, constou entre as formigas que as cigarras gregas não queriam pagar a sua dívida; mais: queriam mais uns tempos de boa vida, diversão ao sol e, necessariamente, mais um resgate, condição *sine qua non* para poderem financiar os seus planos de cigarras. Chegaram mesmo ao ponto de eleger uma camarilha organizada de socialistas e de esquerdistas radicais dispostos a morder a mão que lhes dava de comer. Aquelas cigarras precisavam de aprender uma lição, ou poderia dar-se o caso de outros europeus, feitos de fibra mais fraca que as formigas, se lembrarem, também eles, de adotar esse mesmo estilo de vida à grande e à francesa.

Trata-se, com efeito, de uma história que não deixa ninguém indiferente e que explica, em grande medida, a posição dura que foi advogada por tantos relativamente aos Gregos, isto é, contra eles e contra o governo em que servi.

«Quando posso reaver o meu dinheiro?» perguntou-me um jovem ministro alemão, meio a brincar meio agressivo, à margem daquele primeiro encontro com o Dr. Schäuble. Pensei «cala-te boca», e sorri educadamente.

## Cigarras por todo o lado

Tal como espero ser capaz de demonstrar neste livro, a fábula de Esopo sobre a cigarra e a formiga<sup>4</sup>, ou qualquer outra narrativa nesse género, conduz a terríveis e equivocadas descrições das causas da nossa atual crise.

Desde logo, falha no reconhecimento de que toda e qualquer nação, incluindo a Alemanha e outras nações com excedentes, tem cigarras poderosas. Esquece-se de dizer que essas cigarras, provindas do norte ou do sul, têm o hábito de criar lideranças, mediante alianças internacionais, que agem contra os interesses das boas formigas que trabalham incansavelmente, não apenas em lugares como a Alemanha, mas também em lugares como a Grécia, a Irlanda ou Portugal. Mais importante será, contudo, explicar que a verdadeira causa da crise da zona euro não tem nada a ver com o comportamento das cigarras, das formigas ou o que quer que seja desse tipo. Tem a ver, isso sim, com a própria zona euro, isto é, especificamente com a invenção da zona euro. De facto, este livro é sobre um paradoxo: os povos europeus, que no passado conseguiram unir-se de modo esplêndido, acabaram crescentemente divididos por uma moeda comum.

O paradoxo de uma moeda comum que é responsável pela divisão dos povos é um tema central deste livro. Para que esse paradoxo possa fazer sentido, possibilitando a cabal compreensão das razões que demonstram que as narrativas da cigarra e da formiga, dos resgates e

<sup>4</sup> A versão mais conhecida nos nossos dias é a que foi narrada por La Fontaine em 1668 (data da primeira publicação), que retomou a famosa fábula de Esopo (620 a 560 a.C.). (NT)

da austeridade estão profundamente erradas, precisaremos desde logo de analisar as raízes históricas do euro no xadrez da Europa do pós-guerra, com a Conferência de Bretton Woods, em julho de 1944, na qual a atual estrutura económica da Europa foi criada. Precisaremos, também, de analisar o colapso dessa estrutura com o chamado advento do Choque Nixon, em 1971. Trata-se de uma história na qual os Estados Unidos tiveram um papel predominante, e ocupar-nos-emos dela nos primeiros dois capítulos deste livro.

## **A Europa e os Estados Unidos: o livro em três acontecimentos**

Na verdade, este livro nasceu na sequência de um outro que assinei, *O Minotauro Global*, no qual resumi a minha posição sobre as causas e a natureza do *crash* global de 2008. Ao contrário do que sucedeu em *O Minotauro Global*, em que dei aos Estados Unidos o papel principal, o presente livro dá à Europa o papel principal. No entanto, apesar de a Europa ser protagonista, os Estados Unidos forneceram o oxigénio que permitiu que o nosso protagonista pudesse respirar, fornecendo-lhe também pela mesma ocasião os nutrientes de que se alimentou, o contexto global no âmbito do qual evoluiu – muito embora fazendo dos Estados Unidos uma potencial vítima dos seus falhanços perfeitamente evitáveis. Neste livro, aponto o foco a três acontecimentos históricos que se interligam, e mostro o fosso que separa os destinos da Europa e dos Estados Unidos.

O primeiro ocorreu em 1971 quando, numa tentativa de preservar o seu predomínio económico global, os Estados Unidos expulsaram a Europa da zona do dólar (um equivalente da zona euro), instituída em Bretton Woods. A influência deste acontecimento pode ainda hoje sentir-se em toda a Europa e, de facto, emanou da ação dos próprios Estados Unidos (ver capítulos 1 e 2). O segundo acontecimento teve um carácter mais alargado no tempo, e emergiu quando uma Europa sem rumo repetidamente procurou ajustar contas pela sua expulsão da zona do dólar – unindo as suas várias moedas numa união

monetária entre países com diferentes estádios de desenvolvimento. Primeiro através do Sistema Monetário Europeu, depois por via da sua própria zona monetária (ver capítulos 3, 4 e 5). Grande parte deste livro destina-se a mostrar de que forma a união monetária da Europa surgiu e, muito importante, a maneira, amiúde inaudita, como a sua evolução foi conduzida por decisões económicas, passadas umas e presentes outras, tomadas em Washington D.C.

O terceiro acontecimento começa, uma vez mais, nos Estados Unidos, com a implosão de Wall Street, em 2008. Tratou-se de um acontecimento que provocou uma reação em cadeia, à qual a frágil união monetária europeia não havia sido desenhada para sobreviver (ver capítulos 6 e 7). Depois, o livro foca-se na raiz dos problemas que explicam o falhanço da Europa em lidar com as suas crises de modo racional e eficiente; nos efeitos devastadores desse falhanço sobre a vida dos povos da Europa; e no impacto desses efeitos nos esforços dos Estados Unidos para recuperar da crise sem fim à vista ocasionada pelo acontecimento de 2008 (ver capítulos 7 e 8).

Em suma, vejo este livro como uma forma de dar conta da crise da Europa no contexto da sua ligação histórica às tentativas dos Estados Unidos para regular o capitalismo global e, crucialmente importante, como um aviso relativamente à verdadeira dimensão da crise da zona euro. Uma crise com consequências demasiado importantes para que os Estados Unidos entreguem a sua resolução apenas aos europeus. De facto, a crise da zona euro, tal como se explica no capítulo final, está a arrastar para o abismo os Estados Unidos, questionando o futuro de todos.

## O nosso 1929

A julgar pela forma como por vezes se repete, a História parece ter uma certa propensão para a farsa trágica. A Guerra Fria começou não em Berlim mas, na verdade, nas ruas de Atenas em 1944 – tal como este livro dará conta. A crise da zona euro também começou em Atenas, em 2010, espoletada pelos problemas da dívida grega. A Grécia tornou-se, a um tempo e por uma ironia mais do destino, o

local de nascimento da Guerra Fria e o berço da crise da zona euro. Para uma nação tão pequena, deveria bastar-lhe estar no epicentro de um só desastre global. Provocar dois desastres globais no tempo da memória de quem ainda está vivo, é uma tragédia.

Há uma outra razão para olharmos para o passado enquanto encaramos o futuro da Europa. Na sequência da tumultuosa expulsão da Europa da zona do dólar em 1971 (o tema do capítulo 1), as nações europeias tentaram unir-se, como um rebanho debaixo de uma tempestade. Porém, enquanto a solidariedade dos anos 1970 evoluía para uma moeda comum deficientemente desenhada, os resgates tóxicos produziram linhas de divisão psicológica ao longo dos Alpes, subindo até ao Reno. Um irreprimível mal rasteja agora para fora dessas linhas de fratura (ver capítulos 7 e 8), contendo em si o poder de destruir o projeto europeu e, além disso, de desestabilizar o mundo no seu todo. Estas novas divisões lembram-nos que seria imprudente esquecer de que forma a Europa conseguiu, por duas vezes no passado recente, mostrar-se tão perdida do seu rumo a ponto de infligir inenarrável prejuízo a si própria e ao mundo.

No momento em que a união monetária entre diferentes nações começou a fragmentar-se, e enquanto as linhas de fratura se expandiam inexoravelmente, tornou-se evidente que apenas um diálogo sério e a firme prontidão para voltar à mesa das negociações podiam reestabelecer a ideia de um território comum, no qual a paz e uma prosperidade partilhada pudessem medrar. Nos anos 1930, a falta de um diálogo dessa natureza conduziu à desintegração da então moeda comum: o padrão-ouro. Oitenta anos depois, parece que voltámos à estaca zero, numa Europa que, no entanto, devia ser já capaz de fazer melhor que isso. Os europeus levaram demasiado tempo a perceber que 2008 foi a nossa versão de 1929. Wall Street foi em ambas as ocasiões o epicentro, e com o colapso da finança, a evaporação do crédito e o desaparecimento dos ativos, a moeda comum europeia começou também ela a dissolver-se. Antes que se desse por isso, a classe trabalhadora de uma nação virou-se contra as classes trabalhadoras de todas as outras nações, pedindo assistência através do protecionismo. Em 1929, o protecionismo tomou a forma da desvalorização de uma moeda relativamente às demais. Tal como veremos mais adiante, em

2010, o protecionismo enformou-se na desvalorização do trabalho de uns relativamente aos demais. Numa muito deprimente e similar cadeia de acontecimentos, não levou muito tempo até que trabalhadores alemães mal pagos desatassem a odiar os Gregos, e que trabalhadores gregos subempregados desatassem também eles a odiar os Alemães. Com a zona euro fustigada por uma enorme recessão económica, o mundo inteiro olha desde então com crescente preocupação para esta versão pós-moderna de 1930 e para o que acontecerá. Longe, ainda, de ter razões para desviar os olhos da Europa.

## Dívida e culpa

«Uma dívida é uma dívida é uma dívida!», eis o que um outro alto funcionário da República Federal da Alemanha me disse aquando da minha primeira visita oficial a Berlim. Ao ouvir isso, não pude reprimir a recordação de algo escrito por Manolis Glezos, o símbolo da resistência da Grécia contra os nazis, num seu livro de 2012 intitulado *Even If It Were a Single Deutsche Mark*.<sup>5</sup> O comentário do alto funcionário alemão transportava idêntica mensagem: no fundo, o reconhecimento de que cada marco alemão de reparações de guerra devido à Grécia deve ser pago. Até mesmo um só marco alemão pago poderia ajudar a reverter uma injustiça tão gritante. Tal como na Alemanha, quando uma vez instalada a crise da zona euro se considerou uma evidência que os Gregos eram devedores desavergonhados, também na Grécia as dívidas de guerra ainda por saldar poderão permanecer para sempre imperdoáveis.

A última coisa de que precisava, enquanto procurava estabelecer um terreno de entendimento com o ministro alemão das Finanças, era deparar-me com narrativas moralizantes. As questões éticas são

<sup>5</sup> Glezos, cujo ativismo político começou em maio de 1941 quando, juntamente com Apostolos Santas, escalou os muros da Acrópole para subtrair, sem ser visto pelas sentinelas alemãs, a bandeira suástica, tem liderado a campanha em favor das reparações de guerra à Grécia pela Alemanha e, com maior empenho ainda, a exigência de devolução pelo Estado alemão do «empréstimo» a que, pelas mãos de altos chefes militares, forçou o Banco Nacional da Grécia durante a ocupação nazi. [O título do livro de Manolis Glezos poderia ter, em português, a seguinte tradução: *Nem que fosse apenas um só marco alemão!* (NT)]

fundamentais para unir os povos. Acordos devem poder ser alcançados de modo a sarar feridas ainda abertas, tal como a South Africa's Truth and Reconciliation Commission<sup>6</sup> tão eloquentemente demonstrou. Mas quando se trata de gerir a finança moderna e uma tão complicada e mal desenhada união monetária, os ensinamentos puramente económicos podem constituir insidiosos inimigos. Uma dívida pode ser uma dívida, mas uma dívida impagável não se torna pagável a não ser que seja reestruturada com sensatez. Tal como os adolescentes alemães em 1953 – quando os Estados Unidos convocaram uma conferência em Londres para «tomar nota» (reduzindo-a ao seu não pagamento) da dívida pública alemã a outras nações, entre as quais a Grécia –, também os adolescentes gregos em 2010 não merecem uma vida de miséria por causa de dívidas impagáveis contraídas por uma anterior geração.

De modo que quando ouvi aquilo, pensei: «Ena. Não vai ser fácil chegar a acordo durante estas reuniões.» Uma história sobre duas dívidas estava a transformar-se num interminável auto de fé. A Europa é um continente antigo, e as nossas dívidas uns para com os outros estendem-se pelo passado, ao longo de décadas, séculos e milénios. Contabilizá-las de forma vingativa, apontando dedos acusadores uns aos outros, era justamente aquilo de que não precisávamos no meio de uma crise económica na qual a nova dívida, que se acumulava incessantemente sobre montanhas de passivos herdados do passado, era um mero subproduto.

O capitalismo, não o esqueçamos, apenas pôde florescer depois de a dívida ter sido desculpabilizada. As prisões por dívidas tiveram de ser substituídas pela responsabilidade limitada, e a finança teve de ultrapassar os sentimentos de culpa dos devedores que acumulava, uma vez que teve de lidar com a enorme mudança que constituiu «o rápido melhoramento de todos os instrumentos de produção ... [e] as comunicações infinitamente facilitadas, que podiam arrastar todas as

---

<sup>6</sup> A *Truth and Reconciliation Commission* foi uma comissão de reconciliação com a História criada na África do Sul depois da abolição do *apartheid*. Sob a forma de um tribunal com audiências públicas, o seu objetivo foi o de fazer a possível justiça relativamente a vítimas da violação dos direitos humanos que, desse modo, puderam inscrever no espaço público os seus testemunhos, por vezes perante os seus antigos carrascos, e requerer a amnistia civil e criminal pelos crimes destes últimos. (NT)

nações, mesmo as mais bárbaras, para a civilização» –, para citar nem mais nem menos que Karl Marx.<sup>7</sup>

A minha resposta em Berlim foi que reestruturar a dívida pública grega era essencial para gerar a necessária aceleração do crescimento passível de nos ajudar a pagar as nossas dívidas; de outro modo, a Grécia não teria nada com que pagá-las. A proposta foi totalmente desprezada.

## Fantasma de um passado comum

Em finais de janeiro de 2015, no dia em que o nosso governo tomou posse, o primeiro-ministro Alexis Tsipras depositou uma coroa de flores numa homenagem que evocou a execução de patriotas gregos pelos nazis. A imprensa internacional considerou a ocasião como um gesto simbólico de desafio perante Berlim e insinuou que estaríamos a pôr num mesmo plano o Terceiro Reich e a atual Alemanha enquanto líder da zona euro procurando impor uma nova tirania na Grécia. Esse episódio não ajudou o meu objetivo de fazer amigos em Berlim, especialmente o ultra-austero ministro federal das Finanças.

Convicto de que era essencial enfatizar o facto de o nosso governo não estar de modo algum empenhado em estabelecer paralelismos entre a Alemanha nazi e a atual República Federal, rascunhei o texto que se segue, o qual veio a tornar-se parte da declaração que fiz na conferência de imprensa convocada conjuntamente com o Dr. Schäuble. Encarei essa declaração como um ramo de oliveira, i.e., como um gesto de reconciliação.

*Na qualidade de ministro das Finanças de um governo que enfrenta circunstâncias de emergência causadas pela crise da dívida deflacionista, sinto que a nação alemã pode compreender-nos, a nós, os Gregos, melhor que qualquer outra nação. Ninguém pode entender melhor que o povo desta terra a que ponto uma economia severamente deprimida, combinada com uma humilhação nacional ritualizada, e com um sem-fim de desesperança, pode ser capaz de levar à eclosão do ovo da serpente no*

---

<sup>7</sup> Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista*.

*interior de uma sociedade. Quando voltar a casa hoje à noite, sou esperado num parlamento no qual o terceiro maior partido é uma força nazi. Quando, imediatamente após a sua tomada de posse, o nosso primeiro-ministro depositou uma coroa de flores num icónico lugar de forte memória histórica em Atenas, isso constituiu um ato de desafio contra o ressurgimento do nazismo. A Alemanha pode orgulhar-se do facto de ter erradicado o nazismo aqui na sua terra. Mas é realmente uma daquelas cruéis ironias históricas do destino que o nazismo esteja a reerguer a sua face ignóbil na Grécia, um país que levou a cabo uma tão combativa luta contra ele.*

*Precisamos que o povo da Alemanha nos ajude a combater a misantropia. Precisamos que os nossos amigos deste país se mantenham firmes no projeto europeu do pós-guerra; ou seja, que nunca mais permitamos que uma depressão como a que ocorreu nos anos 1930 divida nações europeias orgulhosas da sua identidade. Tudo faremos para levar a cabo e a bom porto essa nossa missão. E estou convencido de que os nossos parceiros europeus agirão de igual modo.*

Chamem-lhe ingenuidade, se quiserem, mas confesso que esperava uma resposta positiva à minha breve declaração. Em vez disso, ouviu-se um silêncio ensurdecedor. No dia seguinte, a imprensa alemã vilipendiou-me por me ter atrevido a mencionar os nazis no Ministério Federal das Finanças, enquanto a imprensa grega celebrava a minha declaração, por ter chamado nazi ao Dr. Schäuble. Já de volta a Atenas, enquanto me punha a par das diferentes reações, deixei-me por breves instantes mergulhar num certo desespero.

Indignado com a introversão da Europa e a facilidade com que nos viramos uns contra os outros, e procurando também descomprimir um pouco, decidi pôr as culpas todas num outro grego: Esopo. Pois a sua fábula simplista revela a que ponto a verdade fica ocultada por debaixo desse véu de simplismo, conseguindo pôr uma nação europeia orgulhosa de sê-lo contra uma outra nação com idênticos pergaminhos identitários. Sob a sua influência, parceiros tornavam-se inimigos, quase todos os europeus se arriscavam a transformar-se em fracassados da vida, e os únicos vencedores eram os racistas que esperavam na sombra e os que jamais haviam feito as pazes com a

democracia europeia. Este livro oferece uma outra narrativa, na esperança de poder fazer o contrário disso.

Ainda não é demasiado tarde. Ainda temos tudo a perder.

# 1

## OS FRACOS SÃO OS QUE SOFREM MAIS?

«A minha filosofia é a de que todos os estrangeiros fazem o que podem para nos lixar e que é nossa tarefa lixá-los primeiro a eles.»

John Connally<sup>8</sup>

Estávamos a meio do verão em Camp David, o refúgio do presidente dos Estados Unidos, quando o secretário de Estado do Tesouro de Richard Nixon e antigo governador do Texas, John Connally, convenceu o seu presidente a desencadear o infame Choque Nixon, apanhando desprevenidos os ingénuos líderes políticos europeus. No final de um fim de semana crucial de consultas junto dos seus mais importantes assessores, o presidente Nixon decidiu fazer um surpreendente anúncio em direto na televisão: o sistema monetário global, que os Estados Unidos haviam desenhado e longamente acarinhado desde o

---

<sup>8</sup> Esta metáfora baixa de John Connally está citada em Schaller (1996, 1997). Nixon ficou tão impressionado com a perspetiva tão pragmática de Connally sobre o que era preciso fazer com a Europa (e, embora com menos preocupação, também com o Japão) que, segundo Kissinger (1979), Ambrose (1989) e Hersh (1983), o presidente pediu aos seus conselheiros mais próximos para «descobrir como raio iríamos conseguir que o [vice-presidente] Agnew se demitisse antes de tempo, pensando já em substituí-lo por Connally – o seu «mais lógico sucessor», tal como Nixon lhe chamou. [Michael Schaller é um historiador norte-americano da Universidade do Arizona; Henry Kissinger, antigo conselheiro de Eisenhower, foi um conhecido secretário de Estado norte-americano cujo nome ficou para a posteridade devido ao importante papel que teve na política estrangeira dos Estados Unidos sob as administrações Nixon e Ford; Stephen E. Ambrose foi um historiador norte-americano e biógrafo dos presidentes dos Estados Unidos Eisenhower e Nixon; Seymour Hersh é um importante jornalista de política e investigador norte-americano – (NT)].

final da guerra, ia ser desmantelado de uma assentada.<sup>9</sup> O ataque ocorreu no domingo, 15 de agosto de 1971.

Poucas horas depois do anúncio presidencial na televisão, no rigoroso momento em que bateu a meia-noite, um avião de transporte militar levantou voo da base aérea de Andrews com destino à Europa. A bordo seguia Paul Volcker, subsecretário de Estado de Connally, cuja missão era a de enfrentar os ministros das Finanças da Europa, os quais estavam já à beira de um ataque de nervos.<sup>10</sup> Enquanto isso, o próprio Connally preparava uma declaração à nação antes de também ele voar para a Europa, para dizer, numa reunião com primeiros-ministros, chanceleres e presidentes europeus arrogantes, que o jogo tinha acabado. Washington preparava-se para desligar a tomada do sistema global financeiro que havia desenhado em 1944 e que desde essa data alimentara com amor e carinho.

Enquanto Volcker lidava com os ministros das Finanças e os banqueiros europeus em Londres e em Paris, tentando acalmá-los, Connally transmitia quase ao mesmo tempo e pessoalmente aos patrões daqueles uma mensagem que não podia ser mais direta. Com efeito, o que Connally estava a dizer era: «Meus senhores, durante anos desacreditaram a nossa administração do sistema financeiro global do pós-guerra – o mesmo que nós criámos para vos ajudar a erguerem-se das cinzas por vós próprios produzidas. Durante anos, tomaram a liberdade de violar o seu espírito e as suas regras. E pensaram que nós iríamos continuar, tal como Atlas<sup>11</sup>, a apoiar-vos a qualquer custo, e malgrado os vossos insultos e atos de sabotagem. Mas estavam enganados! No domingo, o presidente Nixon desenhou uma linha separadora entre o nosso dólar e as vossas moedas.<sup>12</sup> Vamos lá

<sup>9</sup> O ataque em questão era a desvinculação do valor do dólar relativamente ao ouro. É claro que o presidente Nixon apresentou esse terrível anúncio como uma medida doméstica: «Um Novo Programa Económico, completado com cortes fiscais e um congelamento por 90 dias dos salários e dos preços.» (Eichengreen, 2011), p. 60.

<sup>10</sup> Ver Silber (2012), capítulo 5.

<sup>11</sup> Atlas era um dos Titãs da mitologia grega, condenado por Zeus a sustentar os céus para sempre (NT).

<sup>12</sup> Ao longo dos dez meses decorridos desde o anúncio do Choque Nixon, Washington tranquilizou os europeus com negociações sobre como reestabelecer as taxas de câmbio previamente combinadas entre o dólar e as moedas europeias. E, efetivamente, chegaram a acordo, tal como ficou inscrito no chamado *Smithsonian Agreement*. No entanto, era demasiado tarde e, nos Estados Unidos, nem

ver como é que isto vai correr para vocês! O meu palpite é que as vossas moedas vão assemelhar-se a lanchas de salvamento lançadas ao mar pelo valoroso navio *USS Dollar*, enquanto são fustigadas por ondas enormes, cujos embates não podem aguentar por não terem sido desenhadas para isso, chocando umas nas outras, e sendo todas e cada uma incapazes de manter a sua própria rota.»<sup>13</sup>

E, numa frase que ainda hoje ecoa na Europa, Connally resumiu o programa de forma incrivelmente sucinta, dolorosa, brutal: «Meus senhores, o dólar é a nossa moeda. E a partir de agora é o vosso problema!»<sup>14</sup>

Os líderes europeus deram-se imediatamente conta da gravidade da situação em que estavam, mas responderam com uma sequência descoordenada de reações que os levaram de fracasso em fracasso, culminando quarenta anos mais tarde nas atuais circunstâncias que a Europa vive. Em 2010, a Europa confrontou-se com as consequências desses quarenta anos de erros acumulados (ver capítulos 2, 3 e 4). A crise da sua moeda comum deve-se a falhas que remontam aos acontecimentos, perfeitamente rastreáveis, de 1971, quando a Europa foi lançada borda fora da chamada zona dólar por Nixon, Connally e Volcker.<sup>15</sup> A comédia de enganos com a qual os líderes europeus

---

Connally, nem Volcker, nem quem quer que fosse acreditava nas virtualidades da frágil situação.

<sup>13</sup> Estas não são as palavras exatas de Connally (que não ficaram para a posteridade), mas fixam com exatidão o espírito da sua mensagem. Depois de sair dessas reuniões, Connally, diplomática e deliberadamente, tentou fazer crer numa qualquer fragilidade norte-americana quando se dirigia aos repórteres que estavam a cobrir a sua *tour* pelas capitais europeias. As suas palavras exatas foram: «Dissemos-lhes que estávamos ali como uma nação que havia dado ao mundo muito dos seus recursos, recursos também materiais, de tal forma que agora tínhamos de gerir um défice de mais de vinte anos que havia consumido as nossas reservas e recursos, ao ponto de não podermos continuar a fazê-lo, e estávamos metidos num grande sarilho, e por isso dirigíamos aos nossos amigos um pedido de ajuda, tal como também eles no passado tantas vezes haviam vindo até nós para nos pedir ajuda quando estavam com problemas. Eis, no essencial, o que lhes dissemos.» Transcrição do arquivo material da BBC Radio 4, *Analysis: Dollars and Dominance*, emitido às 20h30 BST, na quinta-feira 23 de outubro de 2008.

<sup>14</sup> Connally usou esta frase exata em novembro de 1971, numa reunião com ministros das Finanças em Roma, no contexto de um encontro regular do G10. Ao que consta, teria já usado a mesma frase, à porta fechada, durante a sua *tour* pelas capitais europeias, no mês de agosto desse mesmo ano. Ver Crawford e Keever (1973).

<sup>15</sup> Paul Volcker, que mais tarde se tornou presidente da Reserva Federal de Nova Iorque, antes ainda de o presidente Carter o nomear presidente da Reserva Federal, em 1978, teve

responderam à crise do euro no pós-2010 (ver capítulos 5 e 6) é também imputável à desconcertada reação da Europa ao Choque Nixon.

É este o acontecimento crítico da História de que nos ocuparemos neste capítulo.

## Uma longa caminhada pela frente

Nixon não aderiu com facilidade à filosofia crua de Connally. Por outro lado, a filosofia crua de Connally não era tão crua quanto tentava fazer crer. O sistema global financeiro do pós-guerra, que o anúncio de Nixon a meio do verão destinara ao caixote do lixo da História, estava há muito a ceder, como um navio condenado cujo inevitável naufrágio ameaçava mandar abaixo com ele a hegemonia dos Estados Unidos no pós-guerra.

Lyndon B. Johnson, o imediato antecessor de Nixon na Casa Branca, e ainda conterrâneo texano e mentor político de Connally, também havia compreendido que o sistema financeiro norte-americano desenhado no pós-guerra não podia continuar.<sup>16</sup> Numa discussão que teve em 1966 com Francis Bator, um seu conselheiro de Estado para a Segurança, o presidente Johnson foi perentório relativamente à necessidade de acabar com ele mediante um corte da ligação entre o dólar e o valor do ouro, da qual contudo o sistema global dependia: «Recuso-me a deflacionar a economia norte-americana, a estragar a minha política externa através de cortes nos apoios financeiros ou

---

um papel instrumental que foi fundamental para persuadir John Connally a convencer o presidente Nixon a «lançar» a Europa ao mar. Nem toda a gente na Administração ficou contente. Com efeito, Arthur Burns, que em 1970 havia sido nomeado presidente da Reserva Federal por Richard Nixon (e que Volcker substituiu em 1978) proferiu estas palavras cortantes: «O pobre e miserável Volcker – sem nunca saber muito bem como posicionar-se sobre o que quer que seja – havia sido bem-sucedido a instilar um medo irracional do ouro no seu mestre tirânico [John Connally], tendo constantemente procurado agradar-lhe, alimentando a sua desconfiança relativamente aos estrangeiros (particularmente os Franceses), em vez de apelar à sua capacidade (pequena, é certo) de bom senso.» Ver Ferrell (2010), p. 65.

<sup>16</sup> Curiosamente, tanto John Connally como Paul Volcker eram democratas de longa data que Nixon havia cooptado para a sua Administração republicana. O que veio a gerar anticorpos nalguns republicanos da Administração que se opunham à sua intenção calculada de persuadir o presidente Nixon a levar por diante o anúncio explosivo feito em 1971.

enviando tropas nossas para o estrangeiro, ou a fazer-me passar por protecionista, apenas para que possamos continuar a pagar pelo ouro francês a \$35 a onça.»<sup>17</sup> No entanto, ocupado que estava com o programa político doméstico norte-americano conhecido por *Great Society* e com a intensificação da guerra no Vietname, e também devido à sua relutância em destruir um sistema global que a Administração do presidente Franklin Roosevelt (os chamados *New Dealers*) havia implementado duas décadas antes, Johnson acabou por permitir que fosse colapsando.<sup>18</sup>

Também Nixon, uma vez chegado à Casa Branca, tentou adiar o inevitável. Apesar de a sua equipa de decisores políticos quezilentos estar cada vez mais convencida de que o sistema monetário global estava falido, os avisos desta última, por si só, não bastavam para convencer Nixon a ordenar a detonação da sua bomba sobre os desprevenidos europeus – bem como a dar rédea solta a John Connally. Na verdade, tal como veremos mais adiante, foram precisas várias jogadas agressivas, perpetradas pelos Franceses, Alemães e Ingleses entre 1968 e o verão de 1971, para dar a Nixon o direito de intervir. Tratou-se de decisões imprudentes de gestão do capitalismo global por parte dos Estados Unidos, que deram a Connally e «àquele odioso Volcker»<sup>19</sup> a oportunidade de convencer o presidente de que não havia alternativa: era forçado a abandonar o sistema monetário internacional conhecido por Bretton Woods, abandonando pela mesma ocasião a Europa.

<sup>17</sup> Ver Bator (2001).

<sup>18</sup> Francis Bator, que trabalhou na proximidade do presidente Johnson no *dossier* de Bretton Woods e sobre o que fazer com ele, publicou na altura um artigo na *Foreign Affairs* (ver Bator, 1968) delineando com pormenor os planos da Administração para efetuar uma transformação gradual do que havia sido acordado em Bretton Woods. A ideia era a de ir introduzindo uma cada vez maior flexibilidade no sistema, sem contudo destruí-lo, até porque a sua súbita desintegração causaria enormes danos sociais, tanto nos Estados Unidos como fora deles.

<sup>19</sup> A adjectivação sobre Volcker é da autoria de Richard Nixon, que se referiu a ele usando essas palavras quando ouviu dizer que Volcker poderia ter sido o responsável por uma fuga de informação que havia sido entregue ao *Wall Street Journal* sobre as consequências que os Estados Unidos estavam a enfrentar devido à «tremenda crise da frente monetária internacional». Nixon receou que Volcker tivesse deixado escapar a história como forma de pressionar Connally a levar por diante o que, no final de contas, o próprio Nixon teve de fazer a 15 de agosto de 1971: acabar com o sistema de Bretton Woods.